

POSSIBILIDADES E LIMITES DE UMA ESCOLA PÚBLICA: PERCEPÇÕES DE FAMÍLIAS POPULARES

Maria Luiza Canedo¹

Resumo

Nosso objetivo é identificar o lugar que a educação ocupa no imaginário e na escala de valores de famílias populares, promovendo uma reflexão sobre a forma como tais famílias percebem o processo de educação dos filhos, atendidos pela escola pública no ensino fundamental. A pesquisa foi realizada em uma escola localizada na zona sul do Rio de Janeiro com cerca de 1.000 alunos residentes em comunidades. A análise qualitativa foi baseada em 26 entrevistas com pais de alunos bem como nas observações de campo ao longo de 6 meses. Como referencial teórico foram utilizados os conceitos de capital cultural e *habitus* cunhados por Pierre Bourdieu além das pesquisas relacionadas ao sucesso e fracasso escolar de crianças no segmento da população de baixa renda realizadas por Bernard Lahire e por Maria da Graça Setton. As conclusões desta investigação sinalizam aspectos relevantes sobre a relação família-escola, acompanhamento de desempenho escolar, expectativas de futuro e qualidade de ensino oferecido pela escola.

Palavras-Chave: Família-Escola. Capital cultural. Educação nas classes populares.

Abstract

We aims to identifying the place where education occupies in the imaginary and in the scale of values of the popular families, promoting a reflection about the manner these families perceive the educational process of their children, who are attending the elementary public school classes. This research took place in a public school located in the south part of Rio de Janeiro which has attended nearly 1.000 students who live in communities. The analysis was based on of 26 interviews with the parents of the students and the observations during 6 months. The theoretical references were Pierre Bourdieu's concept of cultural capital and the research related to the academic success and failure of children in the of low income population made by Bernard Lahire and by Maria da Graça Setton. The research conclusion indicates relevant aspects of family and school relationship, school performance of students, future expectations and quality of education in the public school.

Key Words: Family and school. Cultural capital. Education in the popular classes.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da PUC-RJ.

Introdução

Partimos de um olhar sobre a família, instituição que embora venha passando por mudanças significativas, permanece como núcleo básico de referência do indivíduo e continua sendo uma categoria diferenciada para aqueles que se dedicam ao estudo da sociedade. A família ainda exerce um importante papel na formação da identidade sendo considerada como variável relevante na estruturação de padrões de comportamento e na formação das crenças e valores que serão levados para a vida adulta.

O estudo das relações entre família e escola tem indicado que ambientes familiares mais estimulantes contribuem para aumentar as chances de sucesso no desempenho escolar das crianças.

A partir do testemunho de famílias populares procuramos identificar que lugar a educação ocupa no imaginário e na escala de valores dos responsáveis pelos alunos bem como quais as expectativas e desejos destes em relação ao futuro dos filhos. Levantando percepções, comportamentos e atitudes relatadas pelas famílias, estabelecemos um diálogo com a abordagem teórica desenvolvida por Pierre Bourdieu no eixo família e escola, além das pesquisas empíricas produzidas por Bernard Lahire e Maria da Graça Setton.

Nossa exploração qualitativa foi realizada em uma escola pública que embora localizada em área de alto poder aquisitivo no Rio de Janeiro atendia em sua maior parte alunos oriundos de comunidades carentes². Com a intermediação e apoio da escola foram convidados para entrevista responsáveis pelos alunos de cada uma das quatro séries que formavam o segundo segmento do ensino fundamental. Foram ouvidas vinte e seis famílias representadas por seis pais, dezoito mães e dois casais, todos pais biológicos dos alunos.

² A pesquisa de campo foi concluída em 2007 como parte da dissertação de mestrado apresentada pela autora à Fundação Getúlio Vargas.

Os entrevistados relataram sua trajetória pessoal incluindo faixa etária, local de nascimento, escolaridade e ocupação bem como a estrutura da família do aluno indicando composição familiar, condições de moradia, e preferências de lazer. Os dados colhidos foram agrupados em torno de quatro eixos: relação família-escola, desempenho escolar dos alunos, expectativas em relação ao futuro dos filhos e qualidade do ensino público.

Na escola alvo de nossa pesquisa, verificamos que o número de crianças matriculadas em cada uma das quatro séries se reduzia na medida em que a escolarização avançava, de modo que o número de alunos iniciantes da quinta série (372) era bastante superior aos que cursavam a última série (193). Na visão da equipe gestora da escola, embora os critérios para aprovação tenham se tornaram "mais flexíveis", o número de faltas dos alunos às aulas continua sendo muito alto, configurando-se como a principal causa de reprovação e abandono da escola.

A escola enfrenta o desafio de manter o aluno pelo menos até que este possa adquirir os conhecimentos mínimos para o exercício da cidadania plena e a inserção no mercado formal de trabalho. Embora a escolaridade não seja garantia de emprego³ revelam que 15% dos jovens que entram no mercado de trabalho sem completar o ensino fundamental estão desempregados e 30% atuam no mercado informal. Evidencia-se também uma relação entre educação e rendimento do trabalho. Segundo depoimento de Sergei Soares, no seminário do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS)⁴, cada ano adicional de escolarização aumenta em 10% os rendimentos obtidos com o trabalho.

Hoje, praticamente todas as crianças vão à escola, mas muitas delas, já no ensino fundamental apresentam um desnível entre idade e série. Observamos que todos os alunos da quinta série cujos pais foram entrevistados já

³ Cálculos de Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, publicados no jornal O Globo de 14 de maio de 2006.

⁴ Seminário IETS - Educação, pobreza e desigualdade no Brasil: prioridades, realizado em 17 de outubro de 2006.

apresentavam uma defasagem de um ou dois anos. Dados do INEP⁵ indicam que 23% dos alunos já estão atrasados nos estudos no ensino fundamental.

Pesquisas veiculadas no jornal *O Globo* vem apontando que "melhorar a qualidade do ensino é o principal desafio na área de educação" registrando que 54% das crianças terminam a quarta série com dificuldade de entender o que lêem, à exceção de frases simples. A diferença entre a qualidade de ensino oferecido nas escolas particulares e nas escolas públicas configura-se em mais um fator de reforço à desigualdade. A mãe da aluna J., que alternou períodos de estudos entre escolas públicas e particulares declarou que a filha "repetiu um ano quando passou da escola pública para a particular porque não conseguiu acompanhar a turma."

Um dos recursos que vem sendo postos em prática para enfrentar os desafios da educação é buscar a participação integrada de todos os agentes educacionais sejam eles professores, alunos, dirigentes escolares ou familiares. Na escola estudada observamos a iniciativa bem sucedida de eleger representantes dos pais, professores, funcionários e alunos chamando-os a participar da vida escolar. No que se refere à comunicação com as famílias, a escola se propõe a realizar uma reunião bimestral para entregar os boletins escolares e fornecer informações relacionadas ao cotidiano dos alunos, direcionando os pais para as salas de aulas dos filhos onde podem ter contato direto com os professores. Nas duas primeiras reuniões realizadas no ano da pesquisa compareceram cerca de 60% dos pais dos alunos de quinta série e este percentual foi se reduzindo gradativamente à medida que as séries progrediam, atingindo somente 20% dos pais dos alunos da última série.

O pai representante, eleito com a função de estreitar o contato entre a escola e as famílias mantém contato com os demais responsáveis informalmente na medida em que o procuram para relatar reivindicações ou sugestões. A

⁵ Publicado no jornal *O Globo* de 03/02/2011, com referência ao ano de 2009.

escola, através da orientadora educacional chama os pais quando ocorrem problemas específicos com seus filhos, promovendo o encaminhamento para atendimento especializado, quando necessário. Os principais motivos geradores de contato com as famílias são problemas disciplinares dos alunos, pequenos furtos e brigas entre alunos. Pais e alunos, segundo a orientadora, mostram-se por vezes "zangados com a vida" e envergonhados por morar nas comunidades ou por exercer atividades profissionais que consideram menos meritórias.

As Famílias

Bourdieu estabelece correlação entre as oportunidades escolares e o tamanho da prole, apontando a possibilidade de uma vida escolar mais longa para os filhos de famílias com menor número de filhos.

No grupo pesquisado as famílias são pouco numerosas, sendo a maior parte formada por pais e dois filhos. Os entrevistados nomearam livremente os membros da família indicando outras configurações familiares com base nos critérios de consanguinidade e residência conjunta. A inclusão de membros da rede de apoio ocorreu com alguma frequência como no caso da mãe de L. que se referenciou na sua família originária declarando que a família da aluna é formada por: "Eu, o irmão dela, minhas irmãs e minhas sobrinhas". A inclusão de "irmãs e sobrinhas" da mãe se repete em outras entrevistas destacando a força dos laços entre irmãs, aqui enfatizada a questão de gênero - uma vez que não são mencionados os irmãos, como uma referência que se mantém para além do afastamento da família originária. Apareceu também a exclusão de filhos com os quais o declarante não convive e a inclusão de "meio-irmãos", filhos de outros relacionamentos das figuras parentais.

Sobre quem assume a responsabiliza pela educação do aluno, 50% dos entrevistados disse que "são o pai e a mãe", vários mencionaram somente a mãe e apenas um declarou ser só o pai que neste caso tem a guarda da filha.

Entre aqueles que informaram que as duas figuras parentais dividem a condução do processo educacional dos filhos identificamos indícios de atuação de ambos, embora a mãe permaneça como principal responsável.

No que se refere ao local de moradia verificamos que a grande maioria das famílias residia em comunidades, especialmente na Rocinha ou ocupavam moradia destinada a porteiro de edifícios residenciais. Apenas duas famílias residiam em casas localizadas dentro de parques públicos e duas outras moravam no local de trabalho dos pais. A maioria apontou a moradia em comunidade como uma dificuldade que enfrenta no dia a dia, recorrendo a estratégias como isolamento, silenciamento ou conformismo para conviver com a violência explícita.

O depoimento da mãe de W. aponta para o silenciamento como recurso adotado.

Eu moro lá em cima do morro. Na Rocinha é um lugar bom de morar, tem posto médico e dentista, mas a gente tem que saber morar. A gente vê muita coisa, mas fica cega. Eu não gosto de 'ti-ti-ti' com vizinho e meu filho não vive socado na casa de ninguém.

Já a mãe de J. assume sua impotência quando nos relata que:

A rua educa mais do que a casa, principalmente a gente que mora no morro. Eles vêem armas e tráfico, cheirando e vendendo. Eles têm contato direto. Hoje mesmo J. viu um menino que brincava mais ele com arma na mão. Claro que a gente não quer isso para o filho da gente, mas às vezes um colega fala uma besteirinha e ele vai na onda do outro. Não depende da gente. Por mais que a gente faça... só Deus... e o governo que pode acabar com isso e não acaba nunca. A gente fala que aquilo não é futuro. Que se oferecer não pode [aceitar]. Que morre cedo, no máximo com 20 anos já está todo mundo morrendo.

A violência externa chega à escola no antagonismo entre os moradores das diferentes comunidades cujos filhos se encontram no espaço escolar. A mãe da aluna I., residente na Cruzada procurou a escola, bastante aflita, por ter tomado conhecimento, através de uma vizinha que a filha tinha sido vista na Rocinha, comunidade que ela percebe como inimiga.

Se a vida nas comunidades assusta, por outro lado acolhe, protege e funciona como referência para famílias que de alguma forma se posicionam como lideranças locais. O pai de N. que assume sozinho a criação da aluna fala da colaboração dos vizinhos, reconhecendo-os como membros de sua família:

N. mora comigo, só eu e ela. A mãe dela me causou uma decepção gravíssima como homem. Se fosse outro teria feito uma besteira, mas eu dei a volta por cima. N. tem contato com a mãe porque eu deixo ela ver a mãe mas são os vizinhos que me ajudam muito a criar a minha filha. Às vezes eu ligo pra ela e falo para ela ir dormir na casa de alguém porque eu vou chegar tarde e não quero que ela durma sozinha ou ir almoçar ou jantar na casa de alguém [...] Eu sou nascido e criado na Rocinha e sou muito popular e querido na comunidade.

A questão da moradia aparece ainda como expressão das desigualdades sociais uma vez que comunidades carentes estão incrustadas em bairros onde residem classes mais privilegiadas e, portanto onde se oferecem opções de lazer com altos preços. Esta situação é abordada pela mãe de I.: "O problema todo é que a gente mora na zona sul e não temos condições de viver na zona sul. Nossos filhos não podem fazer nada de bom porque tudo é um absurdo".

Bourdieu estabelece correlações entre o sucesso escolar dos filhos e o perfil da família incluindo neste perfil não só a formação escolar dos antepassados como o local de residência, o modelo demográfico e o acesso aos bens da cultura, entre outras variáveis importantes. Para Bourdieu, "cada família transmite aos seus filhos, mais por vias indiretas do que diretas, certo capital cultural e certo *ethos* - sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados que contribui para definir entre outras coisas, as atitudes frente a instituição escolar" (Bourdieu, 1998a: 41).

Bourdieu atribui grande importância à bagagem que é herdada da família incluindo aqui o capital econômico, social e cultural. Ressalta que o patrimônio transferido pela família abrange uma cultura geral que engloba saberes difusos como: domínio da linguagem, estruturas de pensamento, informações sobre o universo escolar e referências culturais como o gosto pelas artes e esportes.

Ter pais com maior patrimônio econômico e cultural tenderia a favorecer uma boa trajetória escolar para os filhos, facilitando o aprendizado escolar.

O capital cultural se apresenta na forma institucionalizada de certificados escolares vistos como atestados de um determinado nível de escolarização, e inclui ainda a cultura internalizada pelo indivíduo na forma de conhecimentos e preferências e a propriedade de objetos tais como livros e obras de arte.

Na exploração que fizemos junto às famílias procuramos identificar o nível de escolaridade dos entrevistados, bem como as preferências com relação às atividades de lazer. Entendemos que as atividades de livre escolha podem revelar preferências, hábitos e valores bem como fornecer indícios valiosos sobre a integração e o relacionamento familiar. Nos relatos sobre a utilização do tempo livre observamos uma distinção entre um grupo que revelou desenvolver atividades prazerosas e freqüentes em família e outro que não usufrui de qualquer lazer e se conforma somente com tempos de descanso entre as obrigações cotidianas. O relato da mãe de M.A. - aluna com bom desempenho escolar revela uma programação cultural variada e compatível com os interesses dos membros da família.

Quando a gente não está trabalhando, vamos a praia, parque, cinema, shopping e museu. Já fomos ao Museu da Cidade, da Carmem Miranda e do Índio. Agora a gente vai ao museu do Maracanãzinho que vai ser aberto. A gente se curte. Cada um tem um hobby. Cada final de semana é dedicado para fazer o que um dos quatro mais gosta, mas o pequenininho ganha mais.

A mãe de J., aluno apontado pela escola como um entre os de pior desempenho é uma referência do grupo mais numeroso que revelou um acesso bastante restrito aos bens culturais: "Nas folgas a gente não faz nada. Na verdade, ninguém faz nada. Fica em casa e vê televisão. Só, mas não tem outro jeito".

Bourdieu considera que cada grupo social tenderia a adotar um conjunto específico de estratégias de escolarização em função do tipo de capital que possui e da expectativa de retorno que acredita poder obter. Atribui também

importância ao capital social, enquanto conjunto de relações sociais, e ao capital simbólico, representado por prestígio, boa reputação e modo como o indivíduo é percebido pelos outros.

O capital "informacional" sobre o funcionamento do sistema escolar e os caminhos a serem percorridos para alcançar os objetivos almejados na vida acadêmica são também fatores importantes para o sucesso escolar. Este capital pode ser adquirido tanto pela experiência do próprio aluno quanto através da troca de informações na rede de relacionamentos formada por pais, parentes e amigos familiarizados com o sistema educacional.

Na visão de Bourdieu as classes populares caracterizam-se pelo seu pequeno patrimônio tanto no que se refere ao capital econômico quanto ao cultural. Vivendo numa condição marcada pelas pressões materiais e pelas urgências que exigem retorno de curto prazo para os investimentos e priorizando a lógica da necessidade que conduz a escolhas pragmáticas, as famílias atribuem menor valor às artes e outras práticas de educação complementar referenciando-se na escolha do necessário e desenvolvendo um senso prático relativo ao que é possível de ser alcançado.

As aspirações das famílias seriam de que os filhos estudassem o suficiente para se manter ou se elevar em relação ao nível sócio econômico alcançado pelos pais. No caso das famílias populares haveria uma tendência a privilegiar as carreiras de duração mais curta, com rápida inserção no mercado profissional.

Lahire estuda a dinâmica interna de cada família observando como os vários capitais são transmitidos aos filhos, uma vez que cada indivíduo tem a possibilidade de atravessar as instituições, os grupos e os diferentes campos de força apresentando comportamentos diferenciados. Analisando a forma como se articulam internamente as influências recebidas, o autor propõe uma abordagem circunstanciada da interdependência de elementos nas configurações familiares e escolares para explicar o sucesso escolar.

Tanto as pesquisas de Lahire na França como as de Setton no Brasil apontam para a existência de variáveis presentes nas configurações familiares que favorecem o sucesso acadêmico. Um sistema doméstico calcado na disciplina com uma rotina diária predispõe a obediência e a aceitação futura das propostas escolares. Formas de autoridade familiar, vivenciadas como legítimas pelos filhos se refletem na aceitação da autoridade vinda da escola. A coincidência de projetos educacionais entre família e escola e o empenho da família na ascensão social dos filhos via sistema de ensino traduzido em ações como busca de melhores escolas, aquisição de livros, valorização das tarefas escolares e alocação de tempo para acompanhamento dos estudos podem ajudar na produtividade escolar.

Os Entrevistados

Esboçamos o perfil dos entrevistados utilizando o recorte de gênero, analisando separadamente dois subgrupos, um formado pelos oito pais e outro pelas vinte mães, estabelecendo as devidas comparações.

Os pais, na faixa etária de 34 a 56 anos assumiram pela primeira vez a paternidade entre 16 a 43 anos. Os três que tiveram filhos ainda muito jovens - entre os 16 e 22 anos explicitaram que tal fato ocorreu de forma não planejada, em uma idade em que ainda não se consideravam preparados. Um deles entregou a filha para ser criada pela avó e não teve mais contato com ela e o segundo afastou-se da namorada ao saber da gravidez, porém anos mais tarde retomou a paternidade, embora não more com a filha e tenha constituído uma outra família. O terceiro pai casou-se ao saber da gravidez, dando início a família que se mantém há 16 anos, entretanto abandonou os estudos e estabelece uma relação de causalidade entre a paternidade precoce e sua pouca escolaridade.

Nas entrevistas com as famílias a relação entre gravidez precoce e abandono dos estudos aparece com frequência sob a forma de preocupação dos

pais tanto em relação às meninas quanto aos meninos, sendo vista como um dos principais entraves para a construção de um futuro promissor. A mãe do aluno G. descreve suas preocupações:

Se ele arrumar uma namorada fixa agora ele vai acabar tendo que trabalhar para sustentar a família. Meu problema está sendo este agora e [a namorada] não é a garota que eu queria que ele namorasse, infelizmente, mas eu vou lutar para ele não largar os estudos e ter que trabalhar por causa de mulher.

A pesquisa mostrou que mais da metade dos pais entrevistados não chegou a concluir o ensino fundamental sendo que somente um conseguiu ultrapassar a quinta série. Na reflexão sobre as causas do abandono dos estudos apareceram como fatores determinantes, isolados ou combinados, a falta de recursos para custear os estudos, a dificuldade de conciliar estudo e trabalho e a falta de escolas para além da quinta série no interior do Brasil.

Observamos que as experiências pessoais dos entrevistados são retomadas em seus depoimentos sobre os filhos na forma de desejo de proporcionar a eles aquilo que acham que não puderam ter. O pai de L., atualmente desempregado, relatou de forma emocionada que embora tenha obtido aprovação para a faculdade de medicina não pode cursar por falta de recursos financeiros. Ao falar sobre a escolaridade da filha afirmou que ela só irá trabalhar quando estiver preparada para tal e almeja para ela "uma formação acadêmica que termine o terceiro grau e faça um doutorado".

Quanto à ocupação, encontramos a maioria do grupo exercendo atividades que exigem pouca ou nenhuma formação específica, tais como auxiliar de serviços gerais, vigia e garçom, desempenhadas com vínculo empregatício, em empresas de pequeno porte, no segmento de serviços. Dois pais exercem funções qualificadas de nível técnico - contabilista ou superior - professor de educação física e somente um pai estava desempregado na ocasião da entrevista.

As 20 mães distribuem-se de forma semelhante aos pais no que se refere a faixa etária com a maior concentração entre 37 e 44 anos. Experimentaram a maternidade pela primeira vez entre 17 aos 43 anos sendo que até 30 anos, 75% das entrevistadas já tinha tido seu primeiro filho. A mãe de L. que teve sua primeira filha aos 17, não exerceu o papel de mãe nesta ocasião deixando a menina aos cuidados de uma irmã. Mais tarde teve outros três filhos e reassumiu a primeira filha. Para as sete mulheres que foram mães muito jovens a gravidez não foi planejada e houve um distanciamento do primeiro filho deixado no "norte" para vir morar no RJ, constituindo aqui uma nova família.

As mães entrevistadas, com uma única exceção retomaram a criação de todos os filhos que tiveram. O mesmo não se deu com os pais que ao se afastaram dos filhos não mais resgataram o contato direto.

Quanto ao local de nascimento, ao contrário do que encontramos no grupo dos pais, 70% das entrevistadas vieram de estados do nordeste, principalmente Ceará e da Paraíba, motivadas pela necessidade de acompanhar a família. Somente em três casos a mudança se deu por iniciativa da própria entrevistada, atraída pela busca de melhores condições de vida e ao mesmo tempo expulsa da cidade natal pela falta de condições mínimas de sobrevivência.

Observamos que a prática de estabelecer-se e "mandar buscar" outros membros da família permanece em vigor entre os migrantes do nordeste que ainda hoje chegam ao Rio de Janeiro.

Mais da metade do grupo de mães não concluiu o ensino fundamental sendo que também aqui a quinta série foi o limite alcançado pela maior parte. Entre as entrevistadas, 25% das mães alcançaram o nível médio ou superior.

A mãe de W., única analfabeta que encontramos na pesquisa assim nos relatou sua trajetória escolar:

A gente que é do Ceará, a mãe não botou em colégio. Eu leio e escrevo o meu nome. Tinha o Mobral, mas esse negócio de série não tinha lá no Ceará. Era escolinha em casa Minha mãe teve 13 ou 14 filhos e não deu estudo

para ninguém. Eu só tive esse [filho], já com 30 anos e a única coisa boa que eu ofereço para ele é educação, estudo e respeito.

Pesquisando as causas que levaram as mães a deixar os estudos, encontramos além daquelas já citadas pelos pais, a constituição de uma nova família a partir do casamento ou do nascimento dos filhos. Várias mães se reconhecem como as principais responsáveis por sua pouca escolarização, apontando a acomodação e a falta de empenho como causas do abandono dos estudos e mencionando o arrependimento que acompanha esta tomada de consciência. A questão do arrependimento só foi mencionada por mulheres como relatou a mãe C.:

Eu estudava no Piauí. Comecei a trabalhar com nove anos de idade. Fui ser babá da filha de uma professora. Quando ela voltava do trabalho eu ia estudar. Depois comecei a estudar a noite e ficava muito apertado de horário e também para comprar material. Aí dei uma 'paradinha' mas me arrependo, deveria ter me esforçado mais.

Cabe destacar que metade dos alunos já tem escolaridade igual ou superior aos pais, o que indica uma tendência de maior escolarização na nova geração.

Quanto a ocupação encontramos com maior frequência, empregadas em casas de família, manicuras e cabeleireiras que atuam em domicílio, camelô e camareira indicando que prevalecem também no grupo de mães os empregos que não exigem maior qualificação. Ao contrário dos homens, várias mulheres trabalham sem vínculo empregatício formal e quatro mencionaram estar desempregadas.

Os únicos pais integrantes do grupo, com formação em nível superior trabalham como professores.

Relação Família - Escola

É importante considerar que a relação entre família popular e escola se dá a partir do encontro entre instituições de diferentes naturezas, com lógicas

socializadoras diferentes e, por vezes contraditórias, que podem se traduzir em práticas educacionais antinômicas. Famílias populares enfrentam no relacionamento com a escola, tensões que podem provocar desconforto tanto para os pais quanto para os agentes escolares, demandando ajustes recíprocos para que possa ser compartilhada a tarefa de educar.

Um discurso freqüentemente explicitado pelas escolas é o que atribui um déficit de atuação aos pais com baixo capital cultural relacionando tal condição ao fracasso escolar das crianças. Pesquisas realizadas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) identificaram três principais fatores responsáveis pelo bom desempenho dos alunos: a motivação do próprio aluno, as características da escola e a ação da família⁶, reforçando a relevância das atitudes adotadas pela família independentemente de sua origem social.

A negociação entre família popular e escola se faz de forma desigual uma vez que a escola se estabelece, respaldada em suas competências, como pólo dominante "impondo" suas exigências. Muitas famílias reconhecem como legítimo o discurso da escola, atribuindo menor valor às próprias percepções. Daniel Thin estuda "as diferenças de socialização segundo as classes sociais e as relações dessas socializações diferenciadas com os modos de socialização dominante" (Thin, 2006: 213).

A educação nas famílias populares é transmitida na prática, ao longo dos momentos de lazer em família e do exercício compartilhado das tarefas domésticas. Na escola, por outro lado, a tarefa de educar se faz a partir de práticas estruturadas dentro dos princípios de espaço e horário determinados para tal. Por vezes as tarefas escolares são percebidas pelas famílias como forma de manter as crianças afastadas das práticas inadequadas, transmitidas pela rua.

⁶ Fala de Francisco Soares no Seminário IETS sobre Educação, Pobreza e Desigualdade no Brasil: prioridades, realizado em 17 de outubro de 2006.

A autoridade se expressa nas famílias populares de forma presencial apoiando-se, sobretudo na vigilância, no controle e na aplicação de sanções, "agindo mais pela pressão exterior do que pela busca do desenvolvimento de um autocontrole por parte das crianças" (Thin, 2006: 218). A escola por sua vez valoriza a autonomia e o autocontrole estabelecendo-se uma diferenciação entre o que é incentivado pela escola e o que é valorizado pela família. Diversas famílias explicitam seu anseio por uma escola mais rígida afirmando que a escola encontra-se "muito permissiva e fragilizada".

As famílias reconhecem a educação como via de acesso para obtenção de benefícios econômicos e sociais que, a seu ver, não poderiam ser alcançados de outra forma. O pai de L. declara que:

As portas se abrem através do estudo. Eu falo para ela: 'Você construa porque quando a porta abrir você estará capacitada'. Este é o único direito que ninguém pode tirar. É só por aí. Se não for por aí você não tem grande chance. A vida dela tem que ser melhor do que a minha que é para justificar todo o nosso esforço, o meu e o da mãe dela, como pai e educador que sou.

A mãe de A. valoriza o estudo como meio de chegar a posições de poder:

Ele tem que fazer o científico e tudo o mais porque quanto melhor estudar mais ele vai poder arranjar um bom emprego. Para mandar e não ser mandado...

O objetivo da escolarização dos filhos se expressa nas possibilidades sociais que se tornam exequíveis e nas promessas em termos de futuro, viabilizando o afastando de uma existência precária. As tarefas escolares são percebidas como caminhos para obtenção de resultados imediatos que viabilizam o acesso à série seguinte ou futuros, caracterizados pelas conquistas profissionais. Atividades que não são percebidas como diretamente relacionadas a consecução de tais objetivos são vistas como passatempo. A escolarização é percebida como oportunidade perdida pelos pais que volta a tornar-se presente, podendo ser agarrada pelos filhos.

Os alunos matriculados na rede pública, que concluem a quarta série do ensino fundamental são automaticamente encaminhados para o segundo segmento do ensino fundamental, geralmente em uma nova escola pública, sistemática que faz supor a inexistência de escolha. Das 26 famílias entrevistadas, entretanto, somente cinco afirmaram que mantiveram os filhos na escola para a qual foram encaminhados sendo que duas mencionaram que o fizeram porque já tinham obtido informações positivas a respeito da escola e, portanto, ficaram satisfeitas com a indicação. As demais famílias informaram que fizeram efetivamente uma escolha a partir da percepção da escola investigada, como "uma escola de excelência" dentro do ensino público. Excelência traduzida pelas famílias em: professores que não faltam, diretores atuantes que "vestem a camisa", bom nível de organização interna, ensino com qualidade e respeito pelo aluno. A convivência com alunos de classe média bem como as notícias de "sucesso" escolar e profissional de ex-alunos contribuem para tornar ainda mais difícil o acesso a esta escola. Na maior parte dos casos, foi mesmo a persistência que viabilizou o ingresso dos alunos. Cinco famílias relataram de modo similar ao da mãe de G., como conseguiram matricular os filhos. "Este colégio, todo mundo falava que era um dos melhores da rede pública e muito difícil de conseguir vaga aqui. Dormi dois dias e duas noites aqui na porta para conseguir a vaga".

Todas as famílias destacaram a importância dos pais conhecerem de perto a escola dos filhos, falar com os professores e o diretor, acompanhar o desempenho do filho, conhecer o que a escola oferece para poder exigir. A mãe de J. utiliza o verbo "ver" - o mais empregado pelos pais nesta questão, para falar dos vários aspectos a serem observados pelos pais: "Ver como a escola funciona. Ver as instalações. Ver se os professores estão vindo [dar aula]. Os pais têm que participar".

A mãe de M.A. defende a importância de mais iniciativa e menos passividade por parte dos pais.

Com certeza, os pais devem conhecer a escola porque você só acredita naquilo que vê e conhece. Se você não conhece como pode exigir alguma coisa? Se eu venho aqui e a escola me dá um programa de ensino eu posso começar a exigir, se a escola não cumprir esta meta. Este ano já vim várias vezes à escola. Vim a todas as reuniões. Venho para acompanhar, às vezes venho por vir, mesmo sem motivo. Dou uma olhada, falo com um professor ou outro. Venho para trazê-la.

Pesquisando quais os motivos que trazem os pais à escola encontramos como primeira indicação as reuniões de pais, reconhecidas como o principal espaço de diálogo entre família e escola. Acompanhar a frequência dos alunos às aulas e o desempenho escolar foram os outros motivos apontados porém, destacaram que a escola não demonstra uma boa acolhida às iniciativas de contato não programadas por ela conforme relata a mãe de R.

"Eu estive na escola, mas não tive oportunidade de conhecer as pessoas porque a gente era sempre barrada na porta. Não deixavam entrar. Tinha um moreno [inspetor] lá que quando a gente chegava, ele virava as costas e fingia que não via e não era só eu, mas muitas mães. Eu entrei escondida duas ou três vezes para falar com a coordenadora".

Desempenho Escolar

Comparando as avaliações dos pais, com as fornecidas pela escola sobre os alunos de "melhor desempenho" e de "pior desempenho" encontramos em 22 casos coincidência de conceitos e em quatro casos avaliações divergentes. Com relação a seis alunos indicados pela escola como integrantes do grupo com "pior desempenho" não houve discrepância em relação à avaliação dos pais, embora nem sempre os responsáveis mostrem conhecer as causas e/ou os caminhos para enfrentar o problema do insucesso.

Quanto aos alunos com bom desempenho, encontramos em 16 casos avaliações coincidentes da escola e dos pais, que relataram orgulhosos os bons resultados alcançados pelos filhos.

Nos quatro casos em que os pais atribuíram boas avaliações a alunos indicados pela escola como integrantes do grupo de "pior desempenho" encontramos justificativas apoiadas no percurso escolar dos filhos, embora tenham consciência dos problemas enfrentados em uma determinada etapa do processo escolar. A mãe de J. foi a única que atribuiu todas as falhas à escola.

J. ia para a escola e voltava meia hora depois dizendo que não tinha aula, ficou com nota baixa e eu não aceitei o boletim. Não admito reprovação nem 'R'. Ela tem que ter 'bom' e 'muito bom'. Conversei com o diretor para saber o que estava acontecendo. Me falaram que faltava professor porque eles não recebiam o salário. Acho que temos que falar com o Prefeito e exigir que ele pague os salários. No final ela passou.

A frequência dos alunos às aulas, indicada como a principal causa da reprovação é percebida pela maioria dos pais como motivo de preocupação e de cobrança junto aos filhos. A mãe de L. relata que: "Às vezes ela fica desanimada porque chega na escola e não tem aula, ou só tem um tempo e volta para casa. Aí ela não quer vir mas eu digo que tem que vir. Se só tem uma aula, tem que aproveitar aquela aula".

A maioria das famílias informou que os filhos raramente faltam às aulas. Dois alunos foram indicados como faltosos pelos pais e uma família declarou não saber informar sobre a presença do aluno às aulas. Nestes três casos, os alunos fazem parte do grupo de "pior desempenho" e já apresentam um ou dois anos de defasagem idade/ série, corroborando a relação entre desempenho e frequência.

No segundo segmento do ensino fundamental a maioria dos alunos começa a fazer sozinho o percurso entre a casa e a escola, reduzindo a possibilidade de controle dos pais em relação à frequência dos filhos às aulas. Soma-se a isto o fato de muitas vezes os alunos serem dispensados antes do horário previsto resultando em uma grande quantidade de ligações telefônicas ou mesmo de presença dos pais na escola procurando informações sobre dias sem aula ou saídas antecipadas.

O sucesso escolar dos filhos traduz-se para os pais no acesso a série seguinte, objetivo que para ser alcançado depende de frequência e aprendizagem. Os pais relataram que utilizam o dever de casa para acompanhar o desempenho dos filhos. As famílias valorizam a realização de tarefas domiciliares reconhecendo no "dever de casa" a função de reforçar e fixar a aprendizagem além de ocupar o tempo livre dos alunos. Apontam que o dever de casa ajuda a manter o interesse pelo estudo, facilita o estudo para as provas e dá responsabilidade ao aluno. Ocorre, entretanto que a escola tem optado por suprimir esta prática, eliminando uma das formas de acompanhamento dos pais e o incentivo ao aluno. A mãe de A. diz que: "Ele não vai procurar estudar se não levar tarefas para fazer e tem que ter nota".

As famílias creditam ao próprio aluno o mérito pelo êxito escolar. Em segundo lugar, destacam a família como incentivadora e apoiadora e, em terceiro apontam a escola. Embora a maioria das famílias reconheça que o sucesso escolar é resultante da combinação de ações desenvolvidas por aluno, família, escola e professor, o comportamento do aluno expresso em atitudes como esforço, dedicação, humildade e objetivo de vida é mencionado como fator preponderante. Na construção destas atitudes os pais ressaltam a importância da família em ações como: cobrar, controlar, mostrar a importância, conversar, incentivar, ajudar, orientar e procurar saber o que passa na escola.

Refletindo sobre o fracasso escolar dos filhos, os pais apontaram três fatores preponderantes: "os maus companheiros" capazes de influenciar os filhos, os problemas familiares e as faltas dos professores que deixam os alunos sem aulas.

As ações voltadas para o acompanhamento escolar indicam interesse, participação e iniciativa por parte da maioria dos pais que mencionaram: conversar, aconselhar, tirar dúvidas, orientar, verificar os deveres, perguntar sobre as provas, "ficar em cima", "empurrar", comparecer às reuniões de pais,

mandar estudar, olhar o boletim escolar e ir à escola para se informar. Outros comportamentos também significativos foram: ler na frente do filho para dar exemplo, controlar as atividades escolares, preencher o tempo do filho para evitar que venha a envolver-se com atividades não desejadas e oferecer recompensas pelos êxitos.

Pais entrevistados sem a presença das mães revelaram também uma participação efetiva e interessada na educação dos filhos como o pai de L.:

Eu sou envolvido com observar, a nível de vir a escola, saber como está o andamento da escola. Eu acompanho os estudos. Toda e qualquer dúvida dela eu sou a primeira pessoa a ser consultada. Se eu não souber vamos buscar nos meios de comunicação, na internet. Ajudo nas pesquisas.

Expectativas de futuro

A partir das experiências de sucesso ou fracasso vivenciadas, os pais criam expectativas em relação às possibilidades dos filhos. Adequando inconscientemente o investimento a ser feito às chances percebidas, os pais tendem a investir mais tempo, esforço e recursos na escolaridade dos filhos quando percebem neles maiores chances de êxito. O investimento na escolarização visa obter retorno sob a forma de diplomas que podem ser reinvestidos no mercado de trabalho garantindo bons empregos. Segundo Bourdieu, famílias populares detentoras de pequeno capital cultural para investir na escolarização dos filhos tenderiam a perceber determinados objetivos como inalcançáveis e, portanto os excluiriam de seu universo de desejos, tendendo a manter um nível de aspiração menos ambicioso e arriscado do que as famílias das elites.

A maioria das famílias populares entrevistadas priorizou a opção pelo ensino acadêmico em detrimento da formação técnica profissionalizante, a qual atribuem menor valor. A conclusão do curso superior aparece como meta e dois pais foram ainda mais além visando que o filho chegasse a concluir o doutorado. Apenas duas famílias mostraram-se satisfeitas com a conclusão do ensino

médio, e nenhum dos pais apontou a conclusão do ensino fundamental como objetivo satisfatório, embora 17 entre os 28 entrevistados não tenham, eles próprios, chegado a concluir este nível de escolaridade.

Cinco famílias revelaram não estar familiarizadas com a organização e a estrutura da escolarização. Desconhecendo os caminhos a serem percorridos pelos filhos responderam sobre a conclusão dos estudos de forma genérica com indicações como "terminar tudo", "se formar" ou "ter uma profissão".

Verificamos que o curso superior configura-se no espaço psicológico dos pais, como realização de sonho ou vergonha de sua própria situação escolar.

O benefício que as famílias esperam da educação é a qualificação para ocupar uma posição compatível com o investimento feito. Para a mãe de J.:

O estudo é o primeiro passo para ter um emprego bom, para viver numa sociedade mais aberta. Para ter uma casa boa, para ir numa loja, num show, para ter salário bom. Com estudo só até a quarta série ela não vai conseguir ser supervisora ou diretora. A não ser que seja político porque para vereador não precisa nem ter estudo e já está ganhando 'não sei quantos mil'.

As duas famílias que indicaram o ensino médio como objetivo têm em comum o desempenho escolar dos filhos entre os piores alunos e a defasagem idade/ série. A expectativa das famílias nestes casos parece estar relacionada ao fato dos pais não perceberem nos filhos possibilidades de alcançar patamares mais altos de escolarização, levando-os a buscar uma condição que esteja dentro do universo das possibilidades.

A expectativa de uma escolarização mais longa para os filhos foi corroborada pelo depoimento unânime das famílias de que não deixariam que os filhos trabalhassem, mesmo que surgisse uma "boa oportunidade", se para isto necessitassem interromper os estudos.

O futuro ingresso na vida profissional apareceu associado tanto a idade quanto a conclusão do ensino médio. Embora a maior parte dos pais deseje que

os filhos completem o curso superior, existe a expectativa de que eles possam manter uma dupla jornada durante a faculdade, conciliando estudo e trabalho.

Quatro entrevistados mencionaram que os filhos já manifestaram desejo de trabalhar, mas os pais temem que caso concretizem este sonho muito cedo venham a deixar os estudos. A mãe de K. diz que:

Conheço cinco ou seis pessoas que passaram um ano sem estudar. Foram trabalhar e ficaram muito afoitas no dinheiro, ambiciosas, e não voltaram mais a estudar. O pai também não aceitaria que ela trabalhasse agora. Quando ela estiver na faculdade pode trabalhar uma parte do dia.

Somente dois alunos já tiveram experiências esporádicas de trabalho em períodos de férias ou finais de semana "na lojinha do tio" e "na feirinha", porém os pais não atribuem importância a tais atividades encarando-as como passatempo.

No levantamento sobre as profissões que os pais desejam para os filhos, sete pais alegaram que deixavam esta escolha a critério do filho. Entre os que nomearam suas preferências, a profissão que obteve maior número de citações foi a de professor, seguida de enfermeira.

Uma das famílias entrevistadas mencionou o serviço público, independentemente da função, como a melhor opção profissional para a filha, acompanhando a retomada da valorização da segurança e da estabilidade que caracterizam este trabalho.

Indicando os três fatores que consideram mais importantes para a construção de um futuro de sucesso para os filhos, as famílias apontaram em primeiro lugar a escolarização seguida da família e da profissionalização. Alguns registros dos pais foram para características pessoais e valores, como mencionado no depoimento da mãe de L.: "Valores que hoje em dia estão se perdendo como ética, responsabilidade, respeito e companheirismo".

A religião apareceu em pequena proporção, como prática espiritual ou fé na providência divina. A mãe de W. diz que: "Deus é que vai dar o destino dos meus

filhos, mas os pais são exemplo para os filhos. Eu estou guardando umas economias. Abri uma continha para cada um e vou colocando uma poupança para pagar a faculdade”.

Outros fatores de sucesso indicados foram: saúde, grupo de amigos, visão ampla da vida, cultura e noção de nacionalidade. O relato da mãe de J. V. estabelece uma relação de causalidade entre local de moradia e escolhas profissionais do filho:

Mudar de residência para ver o mundo de outra forma. Na Rocinha a gente vê gente armada o dia inteiro. Ele gosta de baile, vai para o baile e tem aquelas misturas todas. Garota pobre é mais adiantada, mais madura, mais solta e eu tenho medo de ele se envolver...o tráfico é muito presente e comanda tudo. Eu tenho medo constante. A mentalidade é ser 'motoboy' e cobrador de 'van'. Isso é o charme.

Qualidade do ensino público

A reflexão sobre a qualidade do ensino público foi encaminhada a partir da avaliação da escola no momento atual e da trajetória que vem sendo percorrida ao longo dos anos, comparando-se a escolarização vivenciada pelos pais, quando alunos, com aquela que eles observam enquanto responsáveis pelos filhos.

Sobre a qualidade do ensino público atual, dez famílias atribuíram bom conceito à educação pública, oito ficaram no nível intermediário e sete atribuíram conceito ruim, o que indica uma tendência positiva.

O grupo que avaliou positivamente a escola pública, comparando o ensino público com o privado destacou a qualidade do ensino e dos professores que lá atuam. A mãe de C. declarou que: “Tem colégio público que é melhor do que os particulares. Eu acho que depende também do aluno. Se a criança não se esforçar não adianta nada”.

No grupo que avaliou a qualidade de ensino como satisfatória aparece como principal aspecto positivo a gratuidade, conforme apontado metaforicamente pela mãe de J.:

A escola é um órgão público e para começar tem que oferecer ensino aos alunos que os pais não podem pagar. É importante que o aluno faça pelo menos o segundo grau. Mesmo com carências de algumas coisas a escola existe. É gratuita. Se não se tem 'filé mignon' a gente come carne de segunda, mas sobrevive.

As primeiras críticas à escola aparecem relacionadas ao governo e as políticas públicas explicitadas em afirmações como "falta força do governo" e "eles prometem, mas na realidade não têm nada do que eles prometem". Observa-se aqui que o foco se desloca do espaço interno da escola para as políticas públicas.

No grupo que apresentou as piores avaliações da escola pública, as críticas recaíram também no governo conforme registrado de forma bastante enfática e carregada de emoção pela mãe de J.

O ensino público é uma vergonha, pelo que eu vejo dos alunos, pelas pesquisas. A culpa é dos políticos que têm a verba e não liberam. Os professores são mal remunerados. As escolas não oferecem condições mínimas para o ensino. Eu falo por milhares de pessoas que estão ao meu redor e pensam o mesmo que eu.

Algumas famílias mencionaram a falta de empenho das escolas públicas em manter a qualidade do ensino oferecido dentro de um patamar elevado, conforme apontado pelo pai de T.: "a escola pública centraliza nos alunos mais fracos e pega o ritmo desses alunos, deixando de concluir a matéria prevista. A escola deveria ter o seu ritmo e o aluno é que tem que se adaptar a escola".

Algumas críticas se concentram no fato da escola não conseguir viabilizar os acessos acadêmicos e profissionais almejados, como declara a família de W. "o colégio público não dá o grau que precisa para passar nos concursos. O meu filho mais velho era bom aluno e não passou para a faculdade pública. Esta trabalhando para poder pagar a faculdade".

A atuação dos professores é alvo de críticas em dois aspectos: faltas frequentes às aulas e excesso de liberalidade decorrente, na percepção das famílias do temor de represálias por parte dos alunos.

Observando-se as principais qualidades e as falhas apontadas no ensino público aparece a competência e a dedicação dos professores conforme diz a mãe de M.A.

A principal qualidade da escola pública é que não se paga [para estudar] e têm ótimos profissionais, que fizeram provas e concursos para estar ali, mas que não tem incentivo para trabalhar. O salário dos professores é uma vergonha.

A inclusão que a escola pública promove é também reconhecida como uma de suas principais qualidades como afirma a mãe de L.:

A principal qualidade da escola pública é a inclusão. Podem estudar os filhos dos pais que têm condições, da classe média e da classe baixa. A escola pública é um elo para unir todas as classes. Um lugar que deve ser legal para acolher todo mundo.

Sobre as possibilidades de melhoria do ensino público, os pais concentraram suas respostas na valorização dos professores, na melhoria das instalações físicas e dos equipamentos, na ampliação do tempo de permanência na escola e no maior entrosamento entre pais e professores.

A valorização do trabalho docente se expressa sob a forma de melhor remuneração e incentivo para a realização de cursos de aperfeiçoamento e estágios bem como na cobrança mais efetiva da presença as aulas.

As instalações e equipamentos assumem especial importância na escola investigada em razão da deterioração a que esta chegou ao longo de seus muitos anos de funcionamento. A demora na execução das reformas ocasionou a perda de muitos dias de aula, gerando grande insatisfação nos pais.

O desejo de uma escola em tempo integral onde o aluno pudesse usufruir do estudo, de atividades complementares e da alimentação adequada aparece como anseio das famílias, embora com certa descrença em função da experiência dos CIEPs. A mãe de M. faz uma análise dos aspectos que gostaria de mudar na escola pública afirmando que:

Gostaria que continuasse o ensino o dia inteiro mas não como no CIEP que deixa tudo muito solto e as crianças fazem o que bem querem. Assim é melhor ficar em casa. A minha filha sai daqui às 11 horas, chega em casa e

aí ? Meu filho [que abandonou os estudos] é louco por esporte e se tivesse esporte no colégio ele continuava estudando. Eu gostava que mandassem dever para casa. Que os professores entrassem em contato com os pais. Podiam chamar duas ou três mães para conversar e com isso ia ter menos criança reprovada. Cada mãe teria oportunidade de falar como eu estou falando aqui. A reunião com muita gente não é tão proveitosa.

Percebemos no depoimento de algumas famílias como no relato da mãe de J.V. certo desgosto e descrença na possibilidade de mudanças significativas:

No ensino, tudo o que é público esta uma porcaria. Por causa da estrutura tem rapazes enormes junto com as crianças. Venho sempre ao colégio e vejo uma mistura muito grande de idades e muita confusão. O ambiente é estranho como se fosse uma continuação lá do morro. Tem os grupinhos da Rocinha, do Vidigal e da Cruzada. A situação é muito complicada. Eu acho que tem crianças que poderiam ser mais aproveitadas mas a estrutura da escola não está pra isso, para cobrar e para incentivar porque os professores têm medo dos alunos.. Tem alunos que jogam bomba pela janela.

Sobre a trajetória que vem sendo percorrida pela escola pública obtivemos respostas em três direções. A positiva - dez famílias entendem que a escola pública tem caminhado em direção ao aperfeiçoamento; a intermediária - quatro famílias acreditam que o ensino público se mantém estável; e a negativa - doze famílias percebem um processo de deterioração do ensino. Os números indicam uma direção negativa o que é bastante preocupante à luz do esforço que vem sendo feito em busca da melhoria da escola pública.

O grupo que percebe a escola de hoje como pior indicou como principais justificativas a menor exigência com relação a aprendizagem e aos professores e a falta de organização da escola. O depoimento do pai de T. resume alguns dos principais aspectos abordados:

A escola ensina menos. A coisa fica mais solta. Tem professores arrogantes e diretores prepotentes. Não há mais alunos reprovados. Tudo corre solto. O colégio perdeu o respeito. Falta vontade política de fazer melhorias para aqueles que mais precisam porque para quem não tem dinheiro a única forma de melhorar é estudando. Sem instrução vai começar pegando um sub emprego e vai ter logo trinta filhos. A classe média é quem muda o país. Não se pode pedir de quem não tem nada. O cara que não tem nada para o seu futuro não vai cuidar do futuro do filho.

As famílias que percebem progresso na escola pública apontando como principais aspectos: maior concentração de professores especializados e disponibilização de transporte gratuito, ampliação do acesso, melhoria das condições de higiene e limpeza, existência de computadores para os alunos e maior diálogo entre professores e alunos.

Se analisarmos separadamente os dez pais com escolarização em nível médio ou superior, a proporção de avaliações negativas cresce ainda mais.

Se observarmos as respostas dos 16 pais que não nasceram no Rio de Janeiro verificamos que a direção da avaliação se inverte, levando-nos a supor que a avaliação deste grupo pode estar mais relacionada às diferenças de qualidade do ensino público que é ministrado nos diversos estados do Brasil.

Considerações Finais

A pesquisa revelou famílias populares pouco numerosas, com a configuração tradicional da família burguesa, mães oriundas do nordeste e ambos os pais trabalhando em atividade remunerada, contribuindo para o provimento das despesas. Mais da metade do grupo de responsáveis não chegou a concluir o ensino fundamental. O lazer para muitas famílias resume-se aos intervalos de descanso entre os expedientes de trabalhos. A gravidez precoce aparece freqüentemente como origem de dificuldades e limitações na trajetória dos pais e como temor em relação à construção do futuro dos filhos.

A Escola estudada possui, junto às famílias, uma imagem positiva, construída a partir dos resultados de sucesso obtidos por ex-alunos. A deterioração física, entretanto interfere no desenrolar das atividades educativas, abalando esta imagem.

A escolarização dos filhos é vista pelas famílias como forma de acesso ao mercado de trabalho e rota para a almejada de ascensão social. As famílias

mostram de forma concreta e objetiva sua preocupação em incentivar e acompanhar o progresso escolar dos filhos.

Percebida como exercendo uma dupla função, a escola, ao mesmo tempo em que ensina aquilo que os alunos precisam aprender, ajuda a manter os filhos afastados da rua e das companhias não desejadas.

As famílias revelam conhecer o desempenho escolar dos filhos, tanto nos casos bem sucedidos quanto nos casos de fracasso. Atribuem ao próprio aluno a principal responsabilidade pelo resultado alcançado, mas reconhecem a contribuição da família e da escola no êxito escolar.

O sucesso escolar dos filhos representa tanto uma "aprovação" no exercício do papel de pai/mãe quanto à possibilidade de realização, através dos filhos, de sonhos e desejos que os próprios pais não puderam realizar.

A tendência a maior escolarização das novas gerações aparece de forma concreta. A conclusão do ensino médio é percebida como limite mínimo aceitável, porém para a maioria das famílias a expectativa é que os filhos possam concluir a universidade. O ingresso dos filhos no trabalho é uma expectativa que esperam ver concretizada no final do ensino médio. Todos rechaçam com veemência a interrupção dos estudos antes da conclusão do ensino médio acreditando que isto acarretará o abandono definitivo do sonho de acesso aos bons empregos. Um "bom trabalho" se traduz no imaginário das famílias na remuneração adequada e no poder de mando. Consumo e poder são reconhecidos como os pilares aos quais parecem estar atreladas as idéias de cidadania e ascensão. Na visão de futuro a escolarização aparece em primeiro plano seguida da profissionalização e da família formando o tripé necessário para garantir o sucesso dos filhos.

O discurso dos entrevistados aponta para a importância da participação das famílias na vida escolar dos filhos. Ações concretas foram descritas pelos

pais indicando rotinas disciplinadas no mundo doméstico que parecem facilitar a socialização dos alunos no universo escolar.

A influência da escola no desempenho do aluno foi relacionada prioritariamente à atuação dos professores que são respeitados e valorizados. Na percepção das famílias, as faltas dos professores às aulas são frustrantes para os alunos que vão se desestimulando e perdendo o empenho nos estudos enquanto a flexibilização das regras disciplinares na escola não educa e não estimula os alunos. A falta de autoridade dos professores e até mesmo dos diretores perante os alunos é vista com insatisfação pelas famílias que se ressentem, elas mesmas, de autoridade na esfera doméstica.

Uma escola menos exigente parece ser incompatível com um mercado de trabalho cada vez mais exigente, deixando de exercer seu papel no processo de formação dos alunos a escola os coloca em desvantagem em relação aos alunos das escolas particulares que exigem alto desempenho.

A maior aproximação com a escola foi uma demanda freqüente das famílias que visualizam uma escola que tem sempre muito a falar e pouco a ouvir. Escola onde muitos pais se sentem pouco à vontade para explicitar suas dúvidas e reivindicações. As famílias se percebem mais como receptoras das diretrizes emanadas pela escola do que como interlocutoras com direito a voz na condução da educação dos filhos.

A maioria das famílias entrevistadas percebe a inclusão promovida pela escola e valoriza a gratuidade do ensino para todos, porém muitos afirmam que o ensino público, apesar dos esforços que a ele tem se direcionado, vem se mantendo estável ou mesmo piorando em termos de qualidade. Na visão dos entrevistados faltam verbas para melhor remunerar os professores e principalmente falta vontade política por parte dos governantes. O investimento na educação apontado como a melhor forma de integrar pessoas ao tecido social

não é percebido pelas famílias que visualizam uma grande dissonância entre as intenções divulgadas e a prática que vivenciam na escola.

O desencanto parece levar em alguns casos ao retraimento e a aceitação da inevitabilidade, reduzindo o desejo de participação tanto na escola quanto nas comunidades onde residem, deixando espaço para os discursos messiânicos que atribuem às forças divinas a solução dos problemas a serem enfrentados.

Concluída nossa exploração, podemos confirmar com razoável convicção que as entrevistas realizadas apontaram para a relevância da educação na escala de valores das famílias populares.

Referências

ARAUJO, Maria Celina Soares D'. *Capital Social*. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 65 p.

ALMEIDA, Ana. *Ultrapassando o pai - herança cultural restrita e competência escolar*. In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo e ZAGO, Nadir. *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.81 - 97.

BOMENY, Helena Maria. *Quando os números confirmam impressões: desafios na educação brasileira*. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*. Rio de Janeiro, ano 5, n.2, p.277 a 301, dezembro 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 311 p.

_____. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura*. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.39- 63.

_____. *Os três estados do capital cultural*. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. 4. ed. Petrópolis, 1998. p. 71-79.

_____. Esboço de uma teoria na prática. In: ORTIZ, R. (org) Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. 238 p.

BRANDÃO, Zaia. *Clima escolar: notas de campo de três visitas a escolas*. Boletim SOCED, n.2, Rio de Janeiro, 2005.

_____. *Entre questionários e entrevistas*. In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo e Zago, Nadir. *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.171-183.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 236 p.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável*. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004. 367 p.

MOREIRA, Mariana de Castro (org). *Da arte de compartilhar: uma metodologia de trabalho social com famílias*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.190 p.

NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA, Claudio M. Martins. *Bourdieu e a Educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.149 p.

OLIVEIRA, João Batista de Araújo e. *Desigualdade e políticas compensatórias*. In: SCHARTZMAN, Simon e BROCK, Colin (orgs.). *Os desafios da educação no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p.53-89.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade*. Revista Educação e Sociedade. Campinas. v.26, n.90, janeiro a abril 2005.

SOARES, José Francisco. *Qualidade e equidade na educação básica brasileira: fatos e possibilidades*. In: SCHARTZMAN, Simon e BROCK, Colin(orgs.). *Os*

desafios da educação no Brasil. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p.91-117.

THIN, Daniel. *Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras*. Revista Brasileira de Educação. v.11, n.32, p. 211-225, maio a agosto 2006.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo e ZAGO, Nadir. Família e escola: trajetórias da escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 17-4